

MEMÓRIAS DA DITADURA MILITAR - 1964

**Andreza Fabiana Betti, Patrícia Fornitani Carvalho do Nascimento,
orientadora: Maria Aparecida Papali**

UNIVAP/Aquárius, papali@univap.br
Andreza Fabiana Betti, drezayoung@hotmail.com
Patrícia F.C. Nascimento, patriciafornitani@hotmail.com

Resumo- Nosso objetivo neste trabalho é buscarmos compreender a ditadura militar de 1964 a partir das memórias de sujeitos sociais que vivenciaram o período. O momento histórico que nos propusemos a analisar, está em constante revisão historiográfica pela sua complexidade e riqueza. A Ditadura Militar brasileira, que teve início com o Golpe de 64 e que terminou em 1985, teve tanta importância para a nossa história que até hoje encontramos resquícios de suas lutas, ideais e medos. Através das memórias de seus atuentes temos um meio diversificado de pesquisa e entendimento do que este período nos deixou para a melhor compreensão da sociedade brasileira.

Palavras-chave: Memória, Ditadura Militar

Área do Conhecimento: História

Introdução

As memórias dos atuentes em diversos movimentos sociais correspondentes ao período da Ditadura Militar no Brasil foi um tema escolhido para retratar como as pessoas envolvidas enxergavam e entendiam a sua sociedade.

A Ditadura Militar, iniciada em 1964, foi um processo extremamente marcante na história social do país que afetou cada camada social brasileira. Muitas pessoas tiveram suas vidas modificadas irreversivelmente por conta da sua participação tanto em prol quanto contra a forma de governo vigente.

O cruzamento das diversas memórias nos permite refletir sobre os pontos cruciais que analisamos no decorrer dos estudos sobre a temática, o que nos levará a melhor compreensão do Brasil pós-64. Podemos incluir suas experiências vividas e conclusões que eles mesmo tem sobre os fatos ocorridos.

A memória é um fenômeno construído e seletivo, que sofre um constante processo de construção e reconstrução. Vemos que através da memória muitos dos paradigmas se perdem ou voltam à tona. A partir destas premissas entendemos que não se trata de uma reconstrução da memória, mas sim de uma reconstituição dos acontecimentos da mesma, o que nos conduzirá a uma maneira de pesquisa diferenciada.

Metodologia

Na nossa busca de entendimento e análise sobre o período militar nacional, primeiramente o

grande enfoque foi dado à literatura historiográfica e complementar, como revistas, filmes, documentários etc., sobre esta época. Muitas destas leituras nos fez observar o quanto foi importante a preservação de documentos e da própria memória de seus sujeitos. Muitas destas pessoas passaram por experiências únicas, os quais tem informações que não se encontram em documentos de qualquer tipo, somente em suas memórias. Estas pessoas e suas lembranças, sem dúvida são de grande importância para a continuidade dos estudos sobre a Ditadura Militar. A grande quantidade de livros, revistas, documentos, documentários com certeza não são poucos, porém, vemos uma grande lacuna ainda a ser preenchida. As entrevistas realizadas com estes cidadãos que viveram, trabalharam, lutaram, concordaram ou discordaram de muitas atitudes, não somente do governo militar mas também dos agentes civis, nos ajudará a trilhar o percurso da nossa história recente denominada "Anos de Chumbo".

Resultados

O estudo do período militar através das memórias tem resultado numa compreensão mais ampla dos acontecimentos. Vemos através dos sujeitos que vivenciaram essa época os seus olhares sobre um mesmo tema. Cada um sentiu as conseqüências dessa mudança governamental e expressam através de suas memórias essas experiências particulares. Através desses olhares, dessas lembranças, verificamos que o Golpe chegou às diversas camadas sociais de formas muito diversas, e temos que relevar essa diversidade nos estudos sobre a ditadura militar. A

história analisa as múltiplas facetas de um mesmo momento e as memórias são essas facetas que nos guiam para a compreensão dos fatos.

Discussão

Verificamos que um dos pontos marcantes na vida social brasileira foi o processo de desnacionalização da economia imposta pela ditadura militar que tinha como objetivo dar impulso inicial para o crescimento econômico. Vemos, no entanto, que esta foi a principal responsável pelo desnivelamento das condições de vida do povo brasileiro. As manifestações contrárias foram inevitáveis para muitos dos setores descontentes e inconformados. (CARDEAL ARNS, 1985) Segundo o relato de nosso entrevistado, Luis Paulo Costa, a situação internacional também contribuiu para essa desestruturalização nacional. A Guerra Fria forçou os EUA a criar a “Aliança para o Progresso”. Esta Aliança pretendia dar maior apoio no desenvolvimento econômico dos países da América do Sul, já por outro lado essa era uma estratégia para frear o avanço comunista que já havia se concretizado em Cuba. A criação desta política por John Fitzgerald Kennedy, que de início era contribuir para o estabelecimento de governos democráticos, na prática proporcionou mudanças governamentais nos países latinos americanos que, em sua maioria, desencadearam em golpes de Estado, com a ajuda do próprio governo americano. Luis Paulo Costa ainda acrescenta: “... principalmente os Estados Unidos dentro da Guerra Fria, certo, eles temiam que o Brasil fosse para o lado da União Soviética, certo, e acusava o João Goulart de querer implantar uma república sindicalista...”. Este receio veio a se concretizar ainda mais pelo fato de Goulart sempre dar apoio às manifestações cada vez mais constantes de sindicalistas, sargentos e marinheiros insatisfeitos com as restrições políticas existentes.

O golpe de 64 veio como uma medida de intervenção, para desestruturar as iniciativas que iriam se concretizar caso Goulart continuasse no poder com suas Reformas de Base. O deputado Genoíno explica que “... em 64 tinha um grande movimento no Brasil, um movimento popular, um movimento democrático, com reformas de base, reforma agrária, reforma bancária, reforma urbana, reforma educacional, havia um desejo muito grande de mudança e o Brasil era governado pelo João Goulart que, é, vamos dizer assim, apoiava essas reformas. O movimento sindical, o movimento camponês, o movimento estudantil, movimento político era muito forte”. Essas reformas, longe de “socializar” ou “comunizar” o país, elas pretendiam dar condições de desenvolvimento ao país só que com a participação do povo. (CHIAVENATO, 1994)

O golpe em si deveria ser algo momentâneo, somente para que fosse destituído o presidente, e mais tarde daria continuidade para novas eleições. O que aconteceu, nas palavras de Genoíno “foi um golpe dentro do golpe” que, através dos Atos Institucionais, e por fim com o AI-5, acabou com as esperanças de ser um governo provisório. Estes Atos Institucionais eram uma maneira de se legitimar o governo militar. Cassações, investigações, fim dos partidos políticos, eleições indiretas, nova Constituição e por fim o último Ato que desmascarou por completo a ditadura comandada pela “linha dura” militarista.

Em São José dos Campos a ala nacionalista e de esquerda também eram a favor dos rumos do governo de João Goulart. Uma banca de jornais e revistas na praça da Matriz era, em 64, um meio para divulgar os rumos políticos e as suas opiniões sobre vários temas de interesse popular. Luis Paulo nos conta que essa banca foi alvo de depredação por udenistas, ferrenhos opositores de Jango. Uma passeata então foi formada, com a participação do prefeito e de muitos joseenses, contra este ato de vandalismo alguns dias antes do golpe. Este ato marcou profundamente todas essas pessoas, pois ficaram conhecidos entre os defensores da ditadura como subversivos. Muitos deles, inclusive Luis Paulo Costa, foram presos e perderam seus empregos logo após o início do governo militar no Brasil.

As prisões começam a acontecer para impor a “ordem”. Elementos considerados subversivos deveriam ser detidos imediatamente. Tirar de circulação era uma forma de que as idéias contrárias à ditadura em não circulassem e não trouxessem mais adeptos. Luis Paulo conta que na maioria das vezes esse era o real motivo das prisões, o que também ajudava na coleta de informações sobre os elementos perigosos. A procura era grande pelos guerrilheiros, esquerdistas que optaram pela luta armada, mas muitos dos que eram presos não optavam por este tipo de luta. A luta política era grande e deixava muito a mostra os seus defensores tais como professores, sindicalistas, jornalistas etc. Pessoas que aderiam aos protestos através da cultura também sofriam perseguições. Carlos Bueno Guedes descreve durante a sua entrevista que a cultura foi uma maneira por ele utilizada para alertar a população de Jacareí sobre o papel político e humano de cada um na sociedade. Foi obrigado a fugir para a Bahia para não ser preso, porém acaba sendo detido lá. Preso por suas idéias. Guedes relata que a violência em prol da coleta de informações era extremamente usada, que não se realizava somente a tortura física mas também a psicológica, corroborando assim com a fala de Luis Paulo Costa. A tortura, para Genoíno, era intensificada de acordo com cada caso. Portela (2002) acrescenta: “Escudados na

impossibilidade de fiscalização pelos próprios colegas do Exército regular, e da imprensa, na época censurada, os 'especializadas' agiram, usando a bandeira da Segurança Nacional, como se o conceito de Segurança Nacional não envolvesse, obrigatoriamente, estudos complexos, profundos, de Geopolítica, Economia, Estratégia, entre outros, e pudesse ser confundido com as operações nada intelectuais de aplicar choques elétricos e espancar pessoas."

Entender o golpe visto pelos que apoiaram é enriquecedor para a compreensão da história. O coronel Borges, em seu livro, detalha minuciosamente todos os acontecimentos que levaram ao golpe, inclusive o porque do grande temor "vermelho". Há muito, na visão de Borges, foram os próprios comunistas que levaram ao fechamento da liberdade nacional através dos Atos Institucionais. "Em 28 de março de 66, vitoriosa a Contra-Revolução, os comunistas voltavam à carga sob a forma de terrorismo urbano, alegando serem patriotas dedicados à derrubada da Ditadura Militar. Apesar de fartamente municiados e financiadas por Cuba e suplementadas pelos roubos, as guerrilhas mercenárias foram esmagadas graças à decisão de Costa e Silva de assinar o AI-5 e à firmeza do Governo do Gen. Médici." (BORGES, 2005) Segundo o cel. Borges, foi somente por isso, pelos assaltos, pelos assassinatos cometidos pelos esquerdistas, que houve a imposição exigida pela Linha Dura. Borges sustenta que uma falsa história foi montada para denegrir a imagem da "Revolução de 64".

As memórias tanto dos entrevistados como do autor citado nos leva a uma dimensão um pouco maior dos acontecimentos de 64 em diante e de como poderemos fazer uma ponte de ligação com a nossa sociedade atual, visto eles mesmos ainda fazerem parte dela.

Conclusão

A Ditadura Militar tem ainda muito a ser estudada visto ser um tema ainda muito delicado e que poucos querem falar. Mas é imprescindível que trabalhem com a memória dos que viveram e estão dispostos a contribuir com as pesquisas que ajudarão no entendimento de fatos importantes para a nossa compreensão da sociedade. A história terá muito a agradecer a estes e os historiadores de amanhã terão novas possibilidades de pesquisas sobre o nosso país e sua sociedade.

Referências

-BORGES, O. Gustavo. 1964, A revolução injustiçada. São José dos Campos: 1ª Ed. JAC, 2005

- CARDEAL ARNS. Paulo Evaristo. Brasil nunca mais. São Paulo: 33ª Ed. Vozes, 1985.

-CAVALCANTE, Rodrigo. Temor na cabeça. Super interessante. Ed. 169, Outubro de 2001

- CHIAVENATO, José Júlio. O golpe de 64 e a ditadura militar. 10ª Ed. São Paulo: Moderna, 1994.

- COUTO E SILVA, Golbery do. Geopolítica do Brasil. Rio de Janeiro: São José Olympio, 1967.

- DIRCEU, José, PALMEIRA, Vladimir. Abaixo a ditadura: o movimento de 68 contado por seus líderes. Rio de Janeiro: 1ª Ed. Garamond, 1998

- FON, Antônio Carlos. Tortura – A história da repressão política no Brasil. São Paulo: 2ª Ed., 1979.

-GABEIRA, Fernando. O que é isso companheiro? São Paulo: 3ª Ed. Companhia das Letras, 1996.

-GASPARI, Elio. A ditadura envergonhada. São Paulo: 1ª Ed. Companhia das Letras, 2002.

-GASPARI, Elio. A ditadura encurralada. São Paulo: 1ª Ed. Companhia das Letras, 2004.

-GORENDER, Jacob. Combate nas trevas: a esquerda brasileira das ilusões perdidas à luta armada. São Paulo: 3ª Ed. Ática, 1987.

-MARCONDES FILHO, Ciro. Ideologia. São Paulo: 7ª Ed. Global, 1991.

-PARANÁ, Denise. Entre o sonho e o poder: a trajetória da esquerda brasileira através das memórias de José Genoíno. São Paulo: 1ª Ed. Geração Editorial, 2006.

-PORTELA, Fernando. Guerra de guerrilhas no Brasil – A saga do Araguaia. São Paulo: Terceiro Nome, 2002

-RODRIGUES, Marly. O Brasil da abertura: de 1974 à Constituinte. São Paulo: 13ª Ed. Atual, 1990.

-SCHLEGEL, Rogério. Ditadura no Brasil. Aventuras na História. Abril de 2005.

-SOUZA, Percival de. Autópsia do medo – vida e morte do Del. Sérgio Paranhos Fleury. São Paulo: 1ª Ed. Globo, 2000.



-TORRES, André. Exílio na Ilha Grande: São Paulo: 1ª Ed. Vozes, 1979.

-VIRTUE, John. Tesoura da ditadura cortou a UPI. Boletim nº 19 de novembro – Dezembro de 1997. Instituto Gutenberg. <http://www.igutenberg.org/censu19.html>